

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do BrasilClass.: 569Data: 14/02/82

Pg.: _____

120

A FAVOR DE MÁRIO JURUNA UM ÍNDIO NA SELVA POLÍTICA DOS BRANCOS

José Sávio Leopoldi



*Juruna: índios devem
participar ativamente das
questões que lhes dizem
respeito*

A disposição do índio Xavante Mário Juruna de engajar-se na campanha político-eleitoral não pode deixar de ser vista como uma saudável tentativa de abertura de novos canais de expressão do problema indígena e da busca de modelos mais adequados para dar conta dele. Antes de tudo, sua decisão de postular um mandato parlamentar na Câmara dos Deputados deve ser recebida com esperança e respeito. Esperança, pelo que pode significar como resposta mais eficaz à questão indígena do que as que têm sido formuladas até o presente. Respeito, pelo desafio a ser enfrentado pelo índio-candidato, disposto a adentrar-se na complicada arena da política nacional e fazer uso das armas que, não obstante terem sido criadas por nós, têm-se revelado impotentes em nossas próprias mãos. É uma lição de sabedoria, determinação e, sobretudo, de antropologia aplicada.

Como Juruna irá sair-se da empreitada é coisa que só o tempo e a campanha política poderão dizer. Convenhamos, porém, em que é evidente a simpatia que sua candidatura desperta, desde logo, em amplos setores da nossa sociedade. Mas não é preciso ser um iniciado em coisas da política ou da antropologia para perceber que essa não será uma tarefa fácil. Principalmente se se pretender que uma eventual eleição de Juruna signifique mais um ato político-conseqüente do que uma simples soma de votos de descontentes de todos os matizes, fascinados apenas pelo apelo eleitoral e/ou conteúdo simbólico que a candidatura do Xavante fatalmente carrega. É evidente que não se pode almejar que todo voto a ser dado a Juruna — como, de resto, a qualquer outro candidato — seja um voto politicamente consciente. Seria simplesmente utópico. Mas o que se pode esperar é que a campanha de Juruna se desenvolva no sentido de despertar as consciências para a importância e urgência da causa que representa e de conquistar um apoio verdadeiramente efetivo, que não se acabe na abertura da primeira urna. É claro que o índio-candidato bem poderá ser visto — e, certamente, o será por muitos — como um símbolo em oposição aos valores (em decadência?) da nossa sociedade. Especialmente se se leva em conta que, entre nós, a imagem do índio carrega ainda muito da idéia do 'bom selvagem', vivente de uma sociedade 'natural e moralmente correta'. Como essa, a imagem do Xavante certamente suscitará variadas interpretações que ao final das contas significarão mais votos, o que não deixa de ser bom. No entanto, há que se ver em Juruna não apenas um símbolo que se esgota em si próprio, mas, mais do que isso, um político que se dispõe a enfrentar um enorme desafio que só poderá levar a bom termo se contar com um

X
concreto, decidido e permanente apoio de todos os setores sociais sensíveis à causa indígena. Dessa maneira, a candidatura de Juruna não deve funcionar apenas como um grande catalizador dos votos dos desacreditados no sistema, dos contra tudo-que-está. Isso equivaleria, na prática, a reduzir o seu espaço político ao período pré-eleitoral. O voto de protesto, ou de pura simpatia, sem dúvida soma, e votar em Juruna será necessariamente protestar, ao menos, contra a política indigenista atual. Mas o que deve ser importante no caso é que, além do protesto inerente ao voto dado a Juruna, esse voto signifique um ato político consciente. Que seja expressão da validade da sua luta, da certeza de que os índios devem participar ativamente das questões que lhes dizem respeito e, acima de tudo, um compromisso com a causa indígena.

Há, inicialmente, que louvar a iniciativa do PDT em abrir espaço para o caminho político de Juruna, ao mesmo tempo em que dá um passo concreto no sentido de mostrar-se um Partido efetivamente sintonizado com a causa de um setor tão marginalizado quanto as populações indígenas. Apesar disso, ou por isso mesmo, responsabilidade maior na campanha eleitoral de Juruna cabe ao próprio PDT (leia-se Sr Brizola), beneficiário direto de sua participação política no atual processo eleitoral. Seja pela simples adesão do índio à sua sigla, já que a imagem do primeiro tornará, por extensão, mais simpática a imagem do próprio PDT, levando-o a ser identificado com as minorias nacionais. Seja pelos votos propriamente ditos que forem dados a Juruna, já que, ao fim, serão votos para o Partido, vale dizer, contribuirão para o seu fortalecimento.

Assim, o mínimo que se espera do PDT é que não se limite apenas a emprestar a sua sigla a Juruna, lavar as mãos e pretender dormir o sono dos justos, mais precisamente, dos espertos. Manifestar apoio ao índio, como tem feito o Sr Brizola, pela simples presença ao seu lado em aparições públicas, comícios ou entrevistas, televisadas ou não, é, positivamente, muito pouco — pelo menos para o lado de Juruna. Lembra aquele tipo de comércio, tecnicamente referido como *escambo*, que sempre resultou na espoliação dos índios pelo desconhecimento destes do valor de troca no mercado nacional dos produtos e trabalho por eles comercializados com os brancos. A filiação de Juruna ao PDT — como, de resto, se fosse o caso, a qualquer outro Partido — implica, queramos ou não, séria responsabilidade, e não fazer caso dela equivaleria esvaziar de seriedade o próprio PDT. Implica, pelo menos, o compromisso de fazer tudo que estiver ao seu alcance para ajudar Juruna a tornar sua candidatura um fato político conseqüente.

FAZER política entre nós é, sabidamente, participar de um jogo freqüentemente muito sutil, quase sempre complexo, que tem liquidado as pretensões de muito político experiente. É mover-se num contexto onde as regras, não necessariamente tornadas explícitas, só acabam dominadas com a continuidade da prática política, isto é, com o acúmulo da experiência nas disputas eleitorais. É fácil, pois, perceber que um indígena inexperiente no *modus faciendi* de nossa política partidária — ainda que político eficiente segundo os padrões da sua própria cultura e empenhado numa causa reconhecidamente justa — encontrará muitos obstáculos em seu caminho político-eleitoral. É justo, pois, convocar o PDT a assumir responsabilidades na remoção desses obstáculos. Afinal, uma regra generalizada na prática política é, precisamente, somar esforços para aumentar a eficácia de qualquer campanha, especialmente a eleitoral. E esforços têm sido somados por aqueles que sabem que o melhor trabalho político é o que resulta da participação coletiva. Assim, o político eficiente é o que consegue não apenas constituir-se veículo de suas próprias idéias mas, o que é mais importante, tornar-se expressão de uma vontade coletiva, forjada na discussão, no confronto de idéias, na busca comum para a solução de problemas. Isto traduz o grau de eficácia de sua mensagem política. Mesmo porque a força política do militante ou do parlamentar se expressa pela dimensão mesma da representatividade que, em última instância, legitima a sua atuação. Pois bem, o Sr Brizola, que seguramente conta com um grupo de assessores que lhe coordena e orienta a campanha eleitoral, deveria agir no sentido de, com muito maior razão, facultar a Juruna o mesmo apoio. Evidentemente não se está sugerindo que o índio-candidato deva ser apenas um porta-voz de pessoas interessadas na causa indígena. Mas, sim, que ele possa beneficiar-se de tudo aquilo (idéias, opiniões, sugestões, discussões, informações etc.) que possa vir a significar maior conteúdo a sua campanha. E não faltariam pessoas e instituições dispostas a dar uma contribuição concreta no sentido de colaborar com Juruna na articulação de uma plataforma política objetiva, com contornos bem definidos, com propostas concretas bem-formuladas. Lembremos, para citar algumas instituições, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), das Comissões Pró-Índio, dos centros de estudo de Antropologia, instituições que, freqüentemente, com o denodo dos que lutam por uma causa justa, têm-se manifestado em defesa das populações indígenas. Por que não convidá-las agora para participar da campanha de Juruna, quer assessorando-o diretamente, quer formulando sugestões e debatendo idéias, quer ajudando-o a estruturar sua plataforma eleitoral? Isso, seguramente, contribuiria para que sua candidatura, além de expressar um caráter predominantemente coletivo, ganhasse em conteúdo, eficácia e contundência.

OPDT, como salientamos, não pode cruzar os braços diante da tarefa de conduzir de maneira coerente a candidatura, inequivocamente especial, do índio Juruna, que acolheu sob sua sigla. Não é exatamente esse o comportamento que se espera de um Partido político responsável. Muito ao contrário, cabe-lhe agora assumir a responsabilidade que o patrocínio do fato exige. Cabe-lhe não abandonar Juruna à própria sorte nos embates e desgastes da campanha eleitoral. Cabe-lhe articular os setores dispostos a participar em sua campanha. E cumpre agir decidida e urgentemente. Com a palavra, pois, o PDT do Sr Brizola.

Não temam os responsáveis pela candidatura Juruna — cujo significado e alcance foram, de início, seguramente minimizados — verem-se enredados nas malhas das suas próprias boas intenções que, acreditamos, estão na base da cobertura oferecida ao empenho político do índio Xavante. A luta deste é de todos aqueles sensíveis à causa indígena e, por extensão, à própria causa da sociedade brasileira. Afinal, esta, que tanto clama por justiça social, deve começar a fazer justiça com aqueles com quem contraiu tão grande débito. E engajar nessa luta significa, fora de dúvida, estar ao lado dos que combatem o bom combate.

* José Sívio Leopoldi é antropólogo, pesquisador no Museu do Índio.